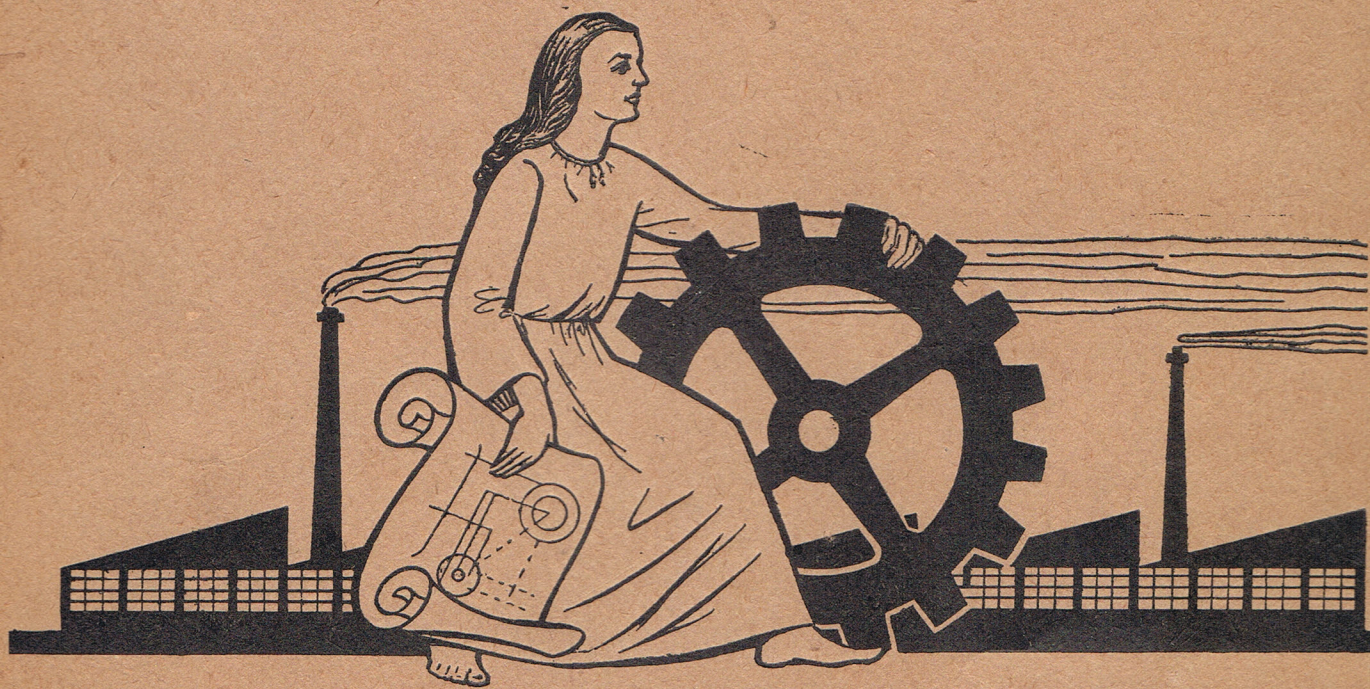


# História da Indústria em Portugal



FASCÍCULO V

JULHO DE 1960



SEGUNDO a opinião de alguns investigadores, a ourivesaria em Gondomar data já de há séculos, sendo erro, não obstante, o que se afirma, de não haver no país nem talvez noutra parte do mundo, oficinas onde se executassem as filigranas. Estas magníficas peças da nossa ourivesaria, maravilhosas de arte e feitiço que tanto encantam os estrangeiros e falam ao nosso coração de portugueses, pode dizer-se que se começaram a fazer em Portugal com as Revoluções Francesas. Então o progresso da nossa ourivesaria abateu consideravelmente, e à margem desse contratempo se foi criando o culto da *ourivesaria* popular servido pelos motivos singelos que só a imaginação do povo seria capaz de reproduzir. O fio de ouro ou de prata — como alguém escreve—trabalhado com a habilidade dos dossos filigraneiros, é capaz das maiores delicadezas, realizando formas ideais, vaporosas e finas como noutra matéria talvez se não possam conseguir. Parecendo que não, a filigrana é uma arte essencialmente popular, porque ela tem, pelo menos entre os portugueses, o seu maior campo de trabalho nas sobras da faina rural de certos lugares, como sucede em Gondomar.

A filigrana não é uma indústria restritamente portuguesa. Fez-se, e bem grande foi o seu desenvolvimento, em vários pontos da costa mediterrânica, fixando-se e... Génova o maior centro filigraneiro da Idade-Média. Consistia, a princípio, na minuciosa combinação do fio de ouro ou de prata aplicado sobre lâminas dos mesmos metais, descrevendo uma rede complicada de linhas e meandros em que se engastavam as mais finas gemas e os esmaltes de mais brilho que ao tempo se faziam.

Os franceses também cultivaram a filigrana a que somente no século XVII deram esta designação, porventura importada da indústria genovesa que, sobre o assunto e com toda a justiça, deu leis. Granada e Sevilha tornaram-se também notáveis centros artísticos da filigrana, outro tanto sucedendo a Florença e a Veneza; mas ao que parece, os grandes e inconfundíveis mestres dessa tão delicada indústria artística foram os árabes, que repassados de um excepcional sentido de paciência e instinto amoroso, encontraram na maleabilidade do filamento a maneira mais própria de exprimirem o poder e o valor decorativo da linha. O génio decorador do árabe não recorre quase nunca aos volumes; a combinação do traço é para eles tudo, como se vê na teia intrincada dos seus chamados arabescos, que parecem inspirações transcendententes de geometria.

No que respeita à orientação da filigrana portuguesa, ela inclina-se declaradamente para o sentimento das coisas humanas. A filigrana tem um aspecto particular de subtileza e de graça que parece ter sido exclusivamente destinado à tarefa de mãos femininas. Só o fio da seda se lhe pode comparar no tecido das mais delicadas rendas. A peça mais romantizada dessa arte é talvez o tradicional *coração de filigrana*, símbolo de amor sadio que exulta no rumor das romarias nortenhas. E vêm depois as *arrecadas*, a que Sousa Viterbo atribui feição nitidamente arcaica, mas que, nem por isso, deixam de ser altamente expressivas.

Falando da ourivesaria, escreve um conhecido investigador: «O antigo Egipto deixou-nos preciosos espécimes de ourivesaria. O *peitoral de Usatersen III*, o *Ramsés II*, o *gavião com cabeça de carneiro* do Louvre, demonstram-nos o habilidade dos ourives egípcios em incrustar uma chapa de ouro pedras preciosas ou lâminas de vidro coloridas. São ainda dignos de especial menção o *grupo de ouro do Louvre*, representando a tríade de Osiris, Isis e Horus, a

*barca da rainha Hah-Hotep, a estatueta da dama Hai, do Louvre, e a da dama Fakusejtk, do Museu de Atenas.*

Os poucos monumentos caldéus que chegaram até nós (algumas estatuetas do Ahm-hita damasquinadas, alguns fragmentos de um vaso e um vaso de prata oferecido por Ninghirsone ao Patesi Entena) afirmam que os inventários que nos fizeram conhecer as inscrições cuneiformes não exageraram as riquezas de ourivesaria que os tesouros reais encerravam. Os querubins, os vasos sagrados, o candelabro de sete braços que ornava o templo de Jerusalém, pertenciam ao estilo caldéu-egípcio. Toda esta *ourivesaria* era trabalhada pelos processos do *repoussé*. A Grécia aprendeu estes diversos processos do Oriente e, aliando-os aos outros, como a cinzeladura, a gravura, etc., instituiu uma técnica superior. Alguns fragmentos que dela restam, as jóias que foram encontradas nos túmulos, o admirável descobrimento da escultura, as descrições dos poetas, como a do escudo de Aquiles em Homero, a da armadura de Hércules em Hesíodo, dão uma ideia do que foi a ourivesaria entre os gregos, que as descobertas de vasos de ouro e prata feitas por Schlieman em Micenas e em Tróia vêm precisar. Mais tarde os Romanos que já haviam encontrado iniciadores nos Etruscos, sofreram a influência artística da Grécia, e sabe-se qual foi o luxo sumptuoso dos romanos em fins da República e no decurso do império. Citemos a *casa de ouro* de Nero, apainelada em parte com placas de ouro incrustado de pedraria, e a *mesa de prata* de Calígula, com a baixela apropriada. São igualmente obras de artistas consumados a magnífica *paterna de ouro* encontrada em Rennes no começo do século XIX e conservada no gabinete dos artigos da Biblioteca Nacional de Paris; o *tesouro Bernay*, composto de sessenta peças de prata; um outro tesouro encontrado em Hildesheim, no Hanovre; e o tesouro de *Bosco Real*, encontrado ao pé de Nápoles e que está no Louvre.

No império do Oriente a ourivesaria floresceu nos edificios públicos e nas casas de altos dignitários, e achou nova aplicação nos templos cristãos. Os ourives bizantinos, enamorados da cor, ornaram as suas peças com incrustações de pedras ou vidro colorido, sendo este, aí pelo século VI, substituído pelo esmalte. As próprias nações bárbaras deixaram modelos de ourivesaria de aparência grosseira, mas original como a *coroa de cita* encontrada em Novo Tcherkask, nas margens do Don, as peças provenientes de Petrossa, na Valáquia, as *coroas votivas dos reis visigodos* de Espanha (Museu de Cluny) e o célebre *vaso de prata de Gundestrup* (Jutlândia) em que figura em relevo um panteon exótico. Como os merovíngios e os carolíngios em França, a ourivesaria é também cultivada, mas em peças pequenas de joalheria, com peças ligadas por finas filigranas mais ou menos hábilmente fixadas. No século XII, os esmaltes de Limoges são aplicados a toda a espécie de objectos, de uso, de ornamentação e de culto. No século XIII reina o cimbrio na ourivesaria religiosa como na arquitectura. O tipo do género é o retábulo de ouro dado por Henrique II da Alemanha à catedral da Basileia, hoje no Museu de Cluny. A estatuária toma lugar na ourivesaria, segue a arquitectura nas suas criações, adopta a ogiva, as flexas, as colunatas e as rosáceas. Os dosséis, os enfeites architectónicos abrigam ou envolvem as santas personagens. Os relicários tornam-se verdadeiras catedrais minúsculas. Depois vem a arte gótica, que exerce grande influência na ourivesaria. Nos séculos XIV e XV a ourivesaria sai dos moldes da arte religiosa e espalha a sua fantasia nos gomis, copos e taças cinzeladas e esmaltadas que figuram nas mesas dos reis e dos grandes senhores. Toma também lugar importante na arte dos armeiros e alfanges ornamentando sobretudo punhos e bainhas das armas brancas. A Itália e a Alemanha tiveram durante o longo período dos ourives, artistas notáveis. Com a Renascença veio a arte pagã indo buscar ao antigo, até ao mito, o encanto e a forma. O ideal dos artistas era a beleza e a graça. O lombardo Caradosso, cinzelador,

gravador em pedras finas e monetário, trabalha para os papas e produz essa *paz* cinzelada com frontão e colunatas de lápis-lazúli, conservada hoje na catedral de Milão; Agnola de Viviani, San Marino, Firenzuola e Rosseti, cinzelaram para os Médicis; mas o maior dos ourives italianos, é, sem contestação, Benevenuto Cellini. A França orgulha-se também dos seus ourives Germain Pilon, Piranso Triboulet, Pedro Mangot, Benedite Ramel, Esttevão Delaulne, que produziram belos trabalhos. No século XVII, os irmãos Masbraux, de Limoges; no tempo de Luís XIV, Bllin, Alexis Loir, Puteil, Villiers, pai e filho, e o italiano Frucci que trabalharam para a corte.

Em Portugal desde os tempos mais remotos esta arte foi trabalhada com esmero. Os objectos mais antigos até hoje descobertos em território português são do período eneolítico (2.500-2.000 a. C.). De entre esses devemos destacar umas contas ou rolozinhos de ouro encontradas nas grutas de Palmela e, já muito perto da Época do Bronze, os dois brincos de ouro da gruta da Ermegeira. Ainda desta época possuímos xorcas, diademas, braceletes, colares, fíbulas, anéis helicodais, etc..

Da Época do Ferro distinguem-se as peças de influência céltica, como por exemplo o bracelete de ouro descoberto em Guimarães e as peças de influência Ibérica, originárias do Levante, nas quais se fundem as características das civilizações mediterrâneas com os elementos célticos pré-existentes. Deste período são o colar e os brincos de Estela que se guardam no Museu Nacional Soares dos Reis. As obras de ourivesaria da época romana abundam em Portugal mas não se distinguem pela sua qualidade. São fracas imitações.

Da época visigótica, de que se encontram tão belos exemplares na península, quase nada possuímos.

Do estilo moçárabe resta-nos unicamente no tesouro da Sé de Braga, um cálice de prata dourado e cinzelado que data do século X e que segundo a tradição pertenceu a S. Geraldo.

Todas as peças românicas da ourivesaria portuguesa, são de carácter religioso. São raros exemplares como um cálice de prata dourada e gravada, datado de 1152 que se encontra no Museu de Coimbra, o cálice datado de 1187 existente no Museu Alberto Sampaio, Guimarães; a cruz processional de Poiães, da Régua, (1125) e o núcleo do Museu Nacional de Artes Antigas, composto por três cálices provenientes de Alcobaça e por uma cruz processional de ouro maciço decorada com ornatos gravados, filigranas, pedraria, datada de 1214 e legada por D. Sancho I ao mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.

Do século XIII e do estilo ogival começam a surgir as peças de ourivesaria puramente góticas. Estas, estão representadas pelo tesouro da Rainha Santa, que se guarda no Museu Machado de Castro, em Coimbra.

Depois surge o estilo manuelino que atingiu o seu apogeu no reinado de D. Manuel I. Como exemplar clássico desse estilo é costume citar a custódia de Belém. Mas além dessas peças chegaram até nós numerosas espécies tanto religiosas como profanas.

No fim do século XVI começa a impôr-se a Renascença do qual citamos a custódia e caldeirinha brasonadas do bispo D. Jorge de Almeida e que se guardam do Museu de Coimbra.

O período seguinte caracteriza-se pela sobriedade, perfeição e técnica de fabrico, perdendo os objectos a originalidade e graça dos períodos anteriores. O estilo da Renascença dá lugar ao Barroco, ao estilo *Rocaille* e finalmente ao estilo Império.

Actualmente, embora a produção se tenha nesenvolvido em grande escala, a ourivesaria ainda não encontrou o caminho que dê continuidade ao esplendor de épocas passadas.

# Rosas de Portugal, Limitada

Domingos Martins Ferreira, o iniciador da indústria de ourivesaria, Rosas de Portugal, é mais um desses maravilhosos obreiros que pôde transformar o grão do nada de que nasceu, num vasto celeiro de riqueza. Nascido no lugar de Barreiros, da freguesia de Fânzeres, e filho dum humilde casal que mal poderia, até, suprir com abundância a alimentação dos seus cinco

filhos, cedo se viu afastado dos infantis brinquedos a que a sua idade tinha direito para ser lançado na dura senda do trabalho. Não conheceu primores do berço, nem teve mãos de fada a atar-lhe de risos e flores o caminho dos primeiros passos. Cresceu como todas as crianças pobres, e com sete anos, apenas, já seu pai o levava consigo para as Minas de Carvão de S. Pedro da Cova, onde tra-



DOMINGOS MARTINS FERREIRA

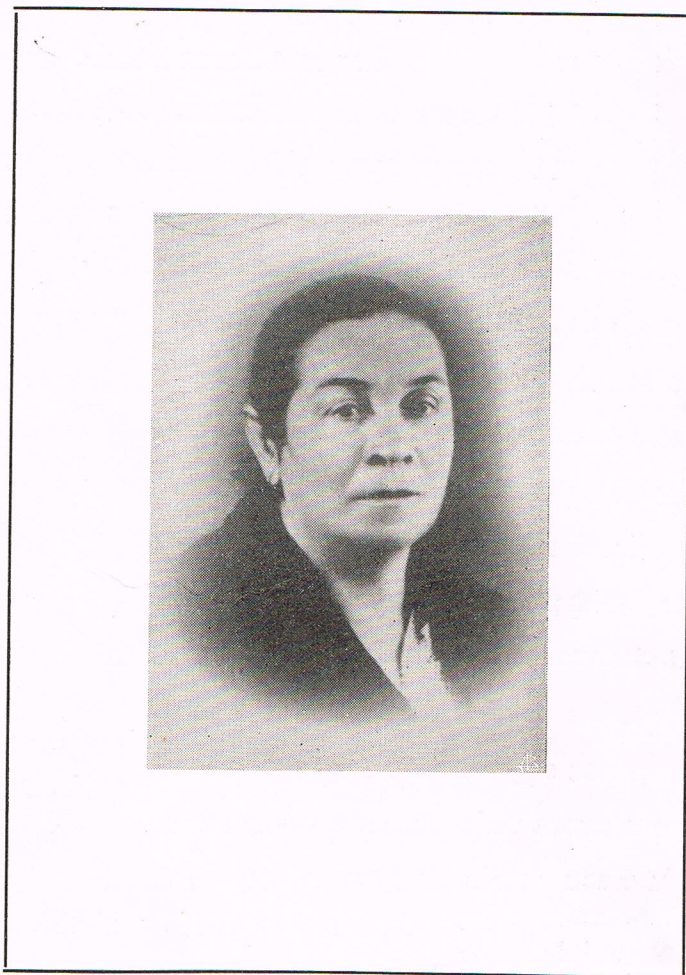
balhava, subtraindo-o assim a uma meninice ociosa, visto que a educação escolar constituía nesse tempo para os lares menos abastados um problema difícil de resolver. Trabalhar teria de ser o seu lema; e tão duro, que punge adivinhar uma criança no primeiro alvor dos anos com a cara suja de um pó preto de carvão, por detrás do qual se vislumbram dois olhos inocentes ciosos de luz e de liberdade. Mas a sua história teria de ser assim mesmo, acutilante, forte, para que nem uma partícula da sua vida deixasse de ser hoje o exemplo vivo da vontade no campo do triunfo. Houve uma altura em que, vencer, era o seu grande sonho. E Domingos Martins Ferreira soube-o transformar numa realidade tão maravilhosa que nenhum imprevisto do mundo a pode destruir, nem a ingratidão dos homens a pode olvidar. Para além do tempo ficou a sua obra, para além da fama ficou o seu nome.

Aos 10 anos, então, e quando outro irmão o pôde substituir, junto do pai, nas minas, foi o pequeno Domingos mandado como moço de lavoura para a casa de uns lavradores das proximidades de Gondomar. Era menos uma boca a alimentar? Quem o sabe!... De resto, foi bem negro o pão que então passou a comer. Cingindo a soga dos bois em dias de chuva ou regando os campos em tardes de calor estival, dir-se-ia que a sorte se não compadecia dele.

balhava, subtraindo-o assim a uma meninice ociosa, visto que a educação escolar constituía nesse tempo para os lares menos abastados um problema difícil de resolver. Trabalhar teria de ser o seu lema; e tão duro, que punge adivinhar uma criança no primeiro alvor dos anos com a cara suja de um pó preto de carvão, por detrás do qual se vislumbram dois olhos inocentes ciosos de

Muitas vezes se havia de lembrar Domingos Martins Ferreira, pela vida fora, dessas noitadas de carretos e dias de rega, a que, para cúmulo, nem sequer faltava a deshumanidade dos amos. E dissemos muitas vezes, se atentarmos na fraternidade com que, muitos anos volvidos, ele sentava os seus empregados na sua própria mesa e lhes dava cama na sua própria casa. Ao contrário do que poderia acontecer, a crueldade dos outros acrisolou-lhe o amor pelo próximo. Aprendeu assim a estimar mais a humanidade. E que essa estima sem acintes nem ódios teve um prémio, prova-o o grande triunfo da sua vida.

Os quatro anos que passou, pois, como moço de lavoura, foram os de mais funestas recordações. Trabalhar, já era duro para si, mas trabalhar, quantas vezes, enterrado em água e sem um mínimo de condições, era atroz. O remédio seria desertar, fugir, procurar em qualquer parte uns amos mais humanos ou buscar um pão me-



D. ANA DOS SANTOS ROSAS

nos duro de ganhar.

Mas Domingos Martins Ferreira não era feito dessas rebeldias, e só quando um reumático pertinaz o imobilizou da cinta para baixo, é que se viu finalmente obrigado a regressar novamente a casa, desta vez, para ser pesado à família. Afinal tudo parecia com- prazer-se em persegui-lo. Restava que não desanimasse. E Domingos Martins Ferreira não desanimou.

Durou mais ou menos dois anos esta imobilidade provocada pelo reumatismo. Se queria continuar a trabalhar teria de se adaptar a uma profissão de harmonia com a sua situação de semi-inválido, ser alguém utilizando apenas as mãos, já que dos restantes membros nenhum proveito poderia tirar. E foi então que, de olhos possivelmente postos nos artífices de ourivesaria que abundavam por todo o concelho, começou por fazer alianças de arame de ramada em que punha uma arte tão curiosa que bastou para chamar as atenções locais. Tinha Domingos Ferreira achado a sua vocação? O tempo o revelou que sim, quando mais tarde criou os conhecidos anéis de letra, com prata que alguém lhe forneceu, e que tanto se haviam de gastar através de Portugal inteiro. Agora, urgia apenas que se curasse; e nestes dois anos, logo que as vindimas chegavam, ele lá ia a enterrar-se nos lagares de vinho a ferver esperançado nesta terapêutica natural, tão usada em doenças do género pela gente da aldeia a quem não sobram recursos para mais, e que serviu para operar o milagre da sua cura.



Mateus Ferreira Rosas

Outro facto singular aconteceu durante este período de tempo. Foi o seu contacto com as letras maiúsculas do alfabeto. Cada anel de letra teria que levar, pelo menos, uma inicial do nome, segundo a forma como havia sido concebido, e Domingos Martins Ferreira não sabia ler. A princípio, alguém o ajudou, mostrando-lhe a inicial que desejava. Depois ele as reteve a todas e as foi gravando cada vez melhor.

Por esta altura tinha Domingos Martins Ferreira 16 anos e uma prática muito relativa de trabalho em anéis. A doença havia sido finalmente debelada e o futuro estendia-se à sua frente com todas as incertezas mas também com todas as suas promessas. É natural que pela sua mente passasse

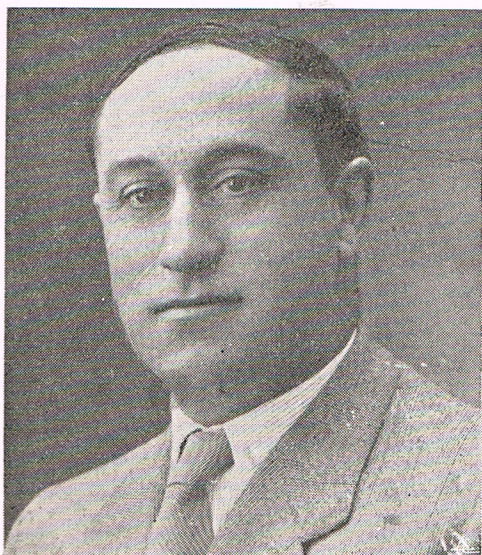
então o fantasma dos anos de desventura e luta improfícua; é natural que ao folhear o seu livro de recordações, nele não encontrasse mais que tristes pesares; mas isso a pouco equivaleria para os anos cheios de pujança e fé com que reentrava de novo no mundo. A primeira coisa a fazer era procurar alguém que lhe desse trabalho; e esse alguém surgiu na pessoa de um industrial de ourivesaria do Taralhão, S. Cosme, para onde ele passou a ir todos os dias calcurreando a distância a pé, disposto a vencer os segredos da arte, custasse o que custasse. Ser ourives era agora tudo para ele. Ser mais do que simples artista era o seu anseio de homem superior.



Serafim Ferreira Rosas

A sorte, porém, ainda desta vez lhe haveria de

ser adversa, e numa das frequentes crises industriais do nosso país que avassalou todas as oficinas de ourivesaria de Gondomar, Domingos Martins Ferreira viu-se de um momento para o outro a braços com o desemprego. Agora já ele sabia que tinha encontrado a sua verdadeira profissão e custava-lhe imenso retroceder por outro caminho. Mas entre permanecer ocioso à espera que a crise se debelasse ou contrariar a sua inclinação profissional, ele não hesitou por muito tempo: foi para o Porto trabalhar de carpinteiro. Ora o facto, porém, de ele se apresentar ao empreiteiro dum casa em construção na Rua do Almada, com a serra e seira das ferramentas, como qualquer artista já feito, é que espanta.

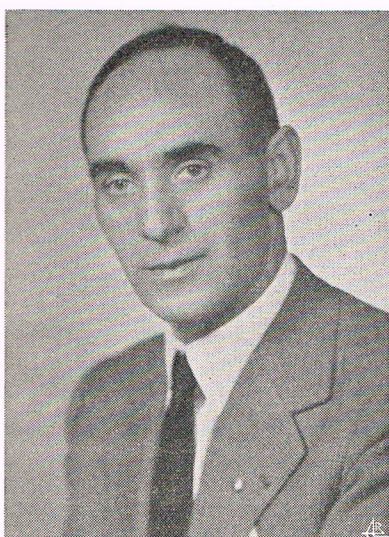


Damião Ferreira Rosas

Qualquer outro suporia ver desmoronar sobre sua cabeça a torre de Babel; mas Domingos Martins Ferreira não. Se ia para trabalhar, teria de ficar a trabalhar mesmo; e confiado na nata habilidade que tinha para os ofícios, conseguiu que ao fim da semana lhe pagassem uma fêria igual à dos melhores artistas que ali trabalhavam já. Esta vitória conseguida apenas pela propensão que revelava para todas as artes, constituía uma espécie de sortilégio ou condão raro que se manifestava tão naturalmente em si como a água pura que brota das montanhas. Quando ele desejava fazer uma coisa fazia-a a mesmo; e raro era que ela revelasse imperfeições ou se mostrasse desageitada.



Domingos Ferreira Rosas



José Ferreira Rosas

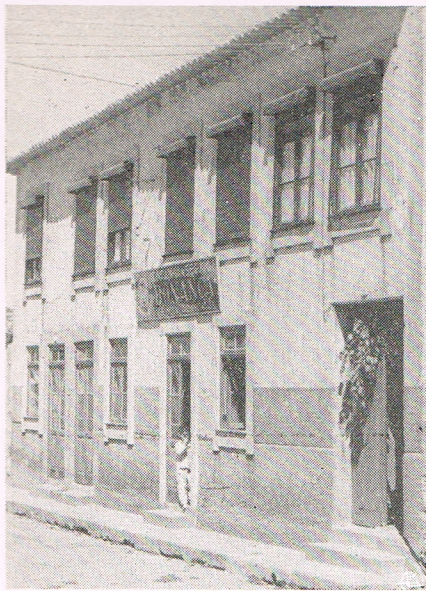
Quanto à sua passagem pela carpintaria, estava escrito, porém, que seria sol de pouca dura. Primeiro as vertigens que as alturas lhe provocavam e segundo, o desejo, talvez, de permanecer o mais perto possível dos seus, levaram-no a procurar de novo o seu antigo mestre, quando a crise se revelava já menos intensa, certo, como aconteceu, de voltar à sua antiga ocupação. Então uma nova era começou para si. O mestre, reconhecendo nele merecimentos excepcionais, confiou-lhe a gerência e administração da casa, função que desempenhou tão cabalmente e em que revelou tanta inteligência, que aquele o aconselhou, anos mais tarde, quando a velhice o venceu, a que se estabelecesse de sua própria conta. Este conselho o ouviu Domingos

Martins Ferreira ainda mal certo de como poderia realizá-lo. Faltava-lhe o dinheiro necessário às iniciativas deste género e ele não sabia como nem aonde o arranjar. Todas as suas economias de alguns anos de trabalho estavam numa corrente de ouro que possuía, mas isso era muito pouco. Mesmo assim vendê-la? conservá-la? deve ter sido esse o dilema de alguns dias. Até que arrojadamente e à falta de melhor perspectiva, foi desse modo que ele apurou o capital com que se iniciou, transformando-o na compra de prata que a seguir trabalhou e vendeu nos mercados já tão seus conhecidos.

Quase todo o princípio dos grandes vates da nossa finança tem sido mais ou menos assim. Saídos do



Fernando Ferreira Rosas



Casa onde nasceu D. Ana dos Santos Rosas

nada, qualquer coisa lhes serve para principiar. E se Domingos Ferreira se iniciou com o dinheiro da sua corrente, conhecemos um conceituado industrial do Norte que tendo em vista a miragem do seu sonho, precisou de roubar uma libra à mãe para galgar a primeira barreira que se interpunha ao seu triunfo. Maravilhosa esta crença dos grandes homens nas suas próprias possibilidades. Sonhadores como os poetas, alguns, lunáticos como os idealistas, outros, as suas ideias não conhecem entraves e só na luta encontram anestésico para os seus impulsos de grandeza. As nações devem muito a estes extraordinários fomentadores da indústria, razão por que se impõe à justiça dos povos levantar no seu próprio seio o panteon que imortalize a acção fecunda e a vida de quem tanto lutou e venceu.

Domingos Martins Ferreira, agora com vinte anos e a sua pequena oficina montada na humilde casa de seus pais, começava a ter anseios de mais. Dos seus oito irmãos, todos os que iam atingindo a idade de trabalhar seguiam a profissão de seu pai, e, um por um, lá iam a espaços de tempo enterrar-se nas minas de carvão de S. Pedro da Cova, onde ainda hoje muitos dos descendentes mais afastados exercem a sua acção como mineiros ou desempenham uma função qualquer adstrita ao serviço das minas. Primeiro que tudo havia que dar a cada um uma profissão igual à sua, roubando-os assim ao ventre da terra e colocando-os mais ao par dos seres para quem a vida não necessitava de ser tão ingrata. E pacientemente lá os foi ensinando a todos, tendo encontrado até na sua irmã Carolina um elemento de ajuda tão precioso que raro era não a incluir na narrativa das suas recordações, quando muitos anos mais tarde, e já no declive da vida, se punha a rememorar a sua própria odisseia.

Foi humano este seu desejo como tudo aquilo em que pôs um pouco da sua ambição e entrou o calor da sua alma. E cumpriu-o. Quatro deles emigraram alguns anos depois para o Brasil e lá se estabeleceram como ourives; outro percorreu como embarcaço os quatro quantos do mundo; enquanto que as irmãs, essas constituíram os seus lares com capatazes, das minas, e por cá ficaram no sossego na sua aldeia e na contemplação das suas coisas. Justo é saber-se que nenhum morreu rico, embora chegassem a gozar de certa abastança; mas isso deve-se precisamente já à força de outra lei. O dom do triunfo é uma qualidade rara, e tão rara, que Domingos Martins Ferreira para vencer não precisou de abandonar nunca o tecto da sua Pátria, enquanto que seus irmãos, lançados num país de promessa e desenvolvido cosmopolismo, morreram na mediania dos pobres e foram enterrados no



Casa onde nasceu Domingos Martins Ferreira

mansolêu dos esquecidos. Vencer, quando não é uma razão de vontade é uma pobre ilusão do desejo. Não basta cada homem por si sonhar com palácios e minaretes; é preciso saber conquistá-los, não como os guerreiros medievais em lutas e sortidas, mas como os grandes nomes da indústria, com trabalho e muita persistência. Foi assim que Domingos Martins Ferreira fez para que o seu nome possa ser hoje entoado pelos timbales da glória e a sua memória conservada além-túmulo, no livro dos imortais.

Os anos que se seguiram, após Domingos Martins Ferreira ter deixado o Taralhão para vir estabelecer-se na sua casa de Fânzeres, foram os do esforçado timoneiro cioso de conduzir o barco a porto seguro. Tralhou por horas intermináveis da noite, viu nascer mil vezes o sol agarrado à banca do ofício, sentiu passar muitas estações do ano possesso da mesma sede de vitória e fascinado pela mesma miragem do triunfo. Para quem tinha principiado com tão pouco, toda a garra era necessária. Só assim é que se ganham as grandes batalhas da vida, e Domingos Martins Ferreira queria sair vitorioso da sua.

Entretanto, e à medida que o tempo corria, devem ter nascido os primeiros amores com sua mulher.

De Fânzeres a Gondomar não era longe, mas mesmo assim o não saber ler fazia-lhe falta. Não lhe poder escrever sem recorrer a estranhos era desagradável para si. Ele desejava empregar sem peias aquela linguagem de

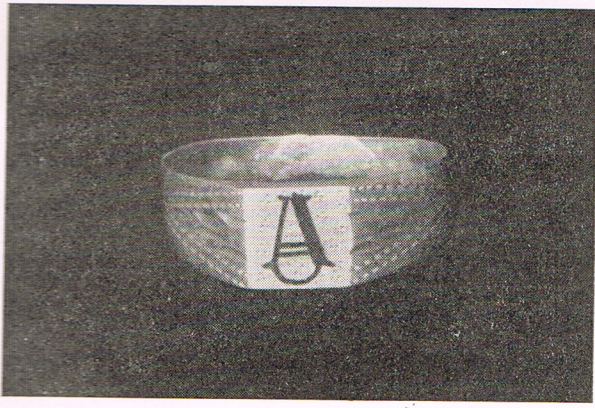


Exterior do edifício da Fábrica Rosas de Portugal

temunha. Foi então que uma vontade firme o levou a tomar desta vez um contacto mais geral com os livros da escola. Parece que o seu irmão mais novo era o único que havia aprendido alguma coisa, e esse mesmo lhe serviu de professor. Agora todos os restos da noite eram dedicados à sua aprendizagem. E tão a sério a tomou que meses depois sabia ler e escrever sofrivelmente.

Tendo nascido em 1870, casou 28 anos depois na igreja de Gondomar. Sua esposa D. Ana dos Santos Rosas, era filha de Mateus dos Santos Rosas, fabricante de lasses e cordões e, eximia artista, também, na arte de ourivesaria. Antes de casar trabalhava com seu pai à banca do ofício, concebendo as obras de mais fino labor; agora teria de trabalhar para a prosperidade futura de um lar, repartindo por seu marido as alegrias de esposa e por seus filhos, um dia, os seus carinhos de mãe.—«Vem ver a fortuna do homem com quem casaste»—disse-lhe Domingos Martins Ferreira na própria noite do casamento, usando daquela linguagem rude mas expressiva que tanto o haviam de caracterizar pela vida fora. 2 kg. de prata, 1 arca, etc., e meia dúzia de clientes que lhe deviam 10.000 réis, eram todos os

todos os namorados, cheia de expressões inocentes mas que é tudo para um coração que ama; ele desejava falar-lhe, possivelmente, da sua confiança no futuro, mas assim não; ele desejava fazê-la ciente do seu mundo e dos anseios de a cada momento, mas sem ninguém como tes-



Um dos primeiros anéis em prata fabricados por Domingos Martins Ferreira

haveres do novo casal. Apenas à sua frente, abria-se agora um mundo novo, e eles lá iam como par inocente, ligados pela mesma fé, disposto aos mesmos sofrimentos e com direito às mesmas venturas.

D. Ana dos Santos Rosas possuía uma cultura diferente da do marido. Educada com outros primores, dir-se-á que a sua alma se engastava como pedra fina dentro dum rendilhado de beleza que a ajudava a conceber coisas maravilhosas. Foi a auxiliar inteligente

do homem e do esposo, ficando-se-lhe a dever, entre muitas coisas, a expansão das célebres bolsas de rede tão do uso das elegantes de há 50 anos atrás. O que ao marido sobrava em força de vontade, audácia e persistência, sobrava a ela em sensibilidade e bom gosto. Um era o cérebro, outro a acção; ela concebia, ele executava. E que a vida lhes foi próspera desde o primeiro dia de casados, prova-o o livro de contas em que todos os anos por ocasião do fecho do balanço feito a seu modo, Domingos Ferreira punha sempre: —«Este ano ganhei X, louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo».

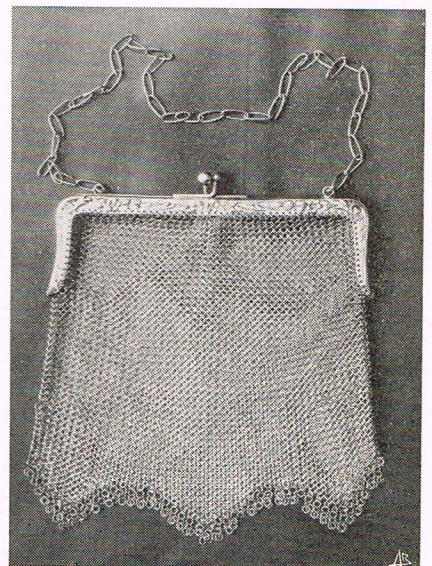
Mas estava escrito que esta paz laboriosa dos dois esposos teria de ser perturbada por qualquer acontecimento funesto. E assim surge o ano de 1914 com as nações em vésperas de se degladiarem e os primeiros prenúncios duma crise que houve de avassalar o país inteiro. Por essa altura, o fabrico das bolsas que então tinha atingido o seu auge caiu verticalmente.

—«Já estou a comer do ganhado»—lastimava-se Domingos Martins Ferreira para o banqueiro António Borges, procurando traduzir o efeito da crise na sua vida laboriosa. E acrescentou em seguida: —«Não há ninguém que nos salve»—.

Isto passou-se numa das frequentes vindas ao Porto do industrial de ourivesaria de Gondomar. A crise grassava por todos os lados, e mais que tudo o affigiam as centenas de bocas que viviam do fabrico da rede, agora em vias de ficar sem pão.

—«Ninguém nos poderá salvar»— continuava ele pesaroso, antevendo o futuro negro de tanta gente.

António Borges, porém, que se encontrava mais a par do intercâmbio internacional e sabia que por essa altura se estavam realizando com Inglaterra vantajosos negócios na exportação do Vinho do Porto, estimulou-o a tentar os mercados londrinos onde de certo encontraria boa clientela para o seu fabrico de bolsas. Isso lhe bastou. E nesse mesmo dia, tomou um cargueiro para Vigo a fim de apanhar um barco que seguia para Inglaterra, tendo sua mulher que o



Modelo da célebre Bolsa de Prata

havia acompanhado a esta cidade tomado uma caleche para Gondomar onde entre lágrimas todos ficaram aguardando o regresso feliz desse homem abnegado e audacioso.

Aqui começa uma das grandes odisseias da vida de Domingos Martins Ferreira. Só, e sem conhecer uma única sílaba do dialecto inglês, que iria fazer aquele homem posto assim no coração de uma cidade que transbordava de gente por todos os lados? Verdade é que ele teve a preocupação de tratar com um embarcadicho que se demorava três dias em Londres, o guiá-lo nesse importante centro cosmopolita. Mas quando ao fim de dois dias o tal guia não apareceu e Domingos Martins Ferreira se viu só numa terra onde ninguém o compreendia, deu exacta conta da gravidade da situação. Desesperado e na expectativa de encontrar ainda o seu homem, em vão procurou o caminho do porto, cada vez se embrenhando mais no enorme labirinto da cidade. Agora já nem sequer sabia voltar ao Hotel; estava irremediavelmente perdido.

Entretanto, e nesta corrida insana, ele havia não obstante verificado que nas montras de Londres se expunham as bolsas que ele fabricava em Portugal. A rede era sua, apenas o bocal diferia. E tudo isto por uma questão de mistificação dos alemães que, comprando a rede ao metro como se fosse para cortinas, lhe adaptavam um bocal feito por eles e vendiam em Inglaterra como artigo seu um artefacto de ourivesaria Portuguesa fabricado nas oficinas de Domingos Martins Ferreira.

—«Eu sou o verdadeiro fabricante destas bolsas e venho aqui para negociar com vocês»—teria dito o grande industrial dezenas de vezes aos ourives londrinos. Mas estes é que não o compreendiam e lá o deixavam cada vez mais entregue ao seu desespero.

Caía agora a tarde. Domingos Martins Ferreira batia ininterruptamente a todas as portas e interrogava todas as pessoas. —«Sou português»—gritava ele alucinado. Mas nada. Uma porta que se fechava, o transeunte que seguia indiferente o seu caminho, e sempre o mesmo grito de alma em vão: —«Sou português».

Estava dito que não havia ali outro homem da sua terra, que falasse a língua da sua Pátria. De joelhos ante uma multidão que o olhava perplexa, rezou então, em plena rua de Londres. Por Santo António, que estava perdido, suplicou ele fervorosamente enquanto lágrimas de pungente fé, pesadas como chumbo, pareciam cavar enormes sulcos de velhice nas suas faces. E continuou a rezar indiferente agora a tudo, apenas certo de que Deus o havia de socorrer.

Encostados a uma porta estavam então dois oficiais da armada brasileira que se



O coração e os brineos à rainha duas das mais portuguesas peças de filigrana



Numa banea improvisada, três artistas trabalham em filigranas



Excursão de estrangeiros durante uma visita a Rosas de Portugal



Os mesmos estrangeiros assistindo interessados a uma demonstração de como se trabalham as filigranas

exprimiam na sua língua na altura em que Domingos Martins Ferreira passava, após as suas preces. Ele ouviu-os perfeitamente e tomou-o como o céu que vinha em seu auxílio. — «Portugueses!...» — exclamou num assomo louco de alegria, dirigindo-se aos oficiais dos navios. Mas estes, não compreendendo ainda a situação angustiante do seu irmão de aquém Atlântico, fãcilmente ripostaram em inglê, de modo a confundir este lusitano cioso de alguém da sua nacionalidade.

— «Como eu ando — articulou Domingos Ferreira pesaroso, — que já me parece que todos falam português» —. E tinha dado uns passos para se retirar, quando os mesmos brasileiros, chocarreiros, se exprimiram de novo na sua língua vernácula. Afinal aqueles homens eram seus concidadãos.

— «Pela felicidade dos meus filhos lhes peço que se são portugueses me ajudem que eu ando perdido», — quase suplicou desta vez Domingos Ferreira. Foi o bastante. Perante brado tão angustiante, estes homens do mar viram nele o pobre náufrago a quem era preciso socorrer. Inteiraram-se da sua sorte e como iam partir entregaram-no a José H. Neto Lourenço, natural de S. Brás de Alportel, que fôra para a Inglaterra estudar e se encontrava agora empregado num dos armazéns da doca. Escusado será dizer que embora faltassem algumas horas para Neto Lourenço abandonar o serviço, Domingos Martins Ferreira jamais saíu dali receoso de qualquer imprevisto, com medo, até, daquela cidade maldita onde tanto havia sofrido já.

Um dia depois tinha encontrado em dois ourives londrinos os compradores exclusivos de uma produção 10 vezes superior à sua. As bolsas tinham entrado, também, na moda inglesa, e as elegantes resolviam assim, com o seu gosto, a situação aflitiva de uma indústria portuguesa de ourivesaria. Restava apenas regressar a Portugal. Mas por essa altura rebentou finalmente a guerra 1914/18 e Domingos Martins Ferreira viu-se assim impossibilitado por muito tempo de encontrar barco que o conduzisse ao seu país.

Então os dias tornaram-se desesperantes. Em português D. Ana ajoelhava todos os dias com seus filhos a pedir a Deus que lhe trouxesse o marido perdido algures nos confins do mundo. Lá longe, Domingos Ferreira só pensava na sua gente possivelmente parada, cada vez mais a braços com a enorme crise. Até que o dia por tantos desejado chegou finalmente. Transportado num cargueiro inglês, pisava, finalmente, de novo, o solo sagrado da sua Pátria.

Foi então a altura de dar ao fabrico das bolsas o maior impulso de todos os tempos. As redeiras existentes por todo o concelho já não chegavam, e D. Ana passou a deslocar-se frequentemente com suas duas filhas às proximidades de Cete, onde cada vez iam instruindo mais gente na arte do fabrico da rede de prata. Um batalhão de mais de 600 mulheres trabalhava agora sem cessar nesses curiosos adereços femininos. Embalagens mais embalagens cruzavam a pequenos períodos os mares para irem servir a moda dos grandes empórios. Domingos Martins Ferreira progredia agora a olhos vistos.

Uma das suas dificuldades consistiu, entretanto, na correspondência, facturação criação de um endereço telegráfico e demais passos necessários às relações das firmas comerciais. De novo surgia a diferença do dialecto, e por essa altura os correspondentes de inglês eram tão raros no Porto que Domingos Ferreira nem sequer pensou em desencantar algum. Só o Cônsul Inglês o poderia salvar. E foi a ele que o grande industrial de Gondomar se dirigiu, confiado na simpatia que costumava inspirar às pessoas. Desde então, traduções e tudo o mais eram feitos por este subdito britânico que Domingos Martins Ferreira soube cativar com uma amizade de irmão, e que dado o seu carácter de proba honradez se negou sempre a receber o mínimo de compensação ou de paga pelo serviço feito.

Durou mais ou menos três anos este comércio com a Inglaterra, até que uma lei régia daquele país proibiu finalmente a entrada de todos os artigos de luxo. Domingos Martins Ferreira correu novamente desesperado ao Porto, desta vez a casa do Cônsul. O que iria ele fazer a milhares de bolsas de prata que se encontravam a aguardar a vez de embarque?



Um mundo de filigranas bonitas



Magnífico conjunto de pratas



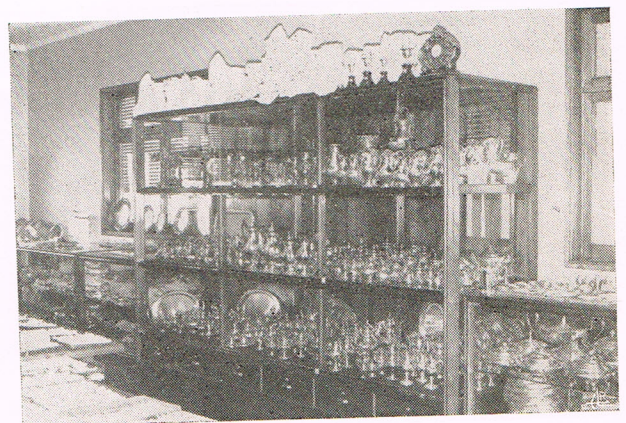
Aspecto parcial duma sala de exposições

Valeu-lhe aquele homem fleugmático, mas justo, nesta contingência séria. Agora o envio das bolsas devia ser feito em encomendas mais pequenas e para diferentes endereços da Comunidade onde os ourives ingleses, avisados, as mandariam levantar. Isto até que acabasse com o fabrico em depósito; e mesmo assim com as necessárias cautelas, pois qualquer extravio naquelas circunstâncias jamais poderia ser reclamado.

Mais um ano se passou antes que o inevitável surgisse inexorável, visto que uma das grandes encomendas se extraviou, e a perda aparente duma tão grande importância veio criar enfim temor no ánimo de Domingos Martins Ferreira. Dir-se-ia que tudo tinha chegado ao fim, se não quando passado um ano já de suspensa a importação, D. Ana se lembrou ofertar uma missa a Santo António pela encomenda perdida. Então, ou porque o bom do santo fizesse o milagre ou por qualquer razão paradoxal que não vislumbramos, nesse mesmo dia uma carta chegada de Inglaterra continha um cheque em libras para pagamento daquelas bolsas perdidas há um ano atrás. Desfecho mais feliz ninguém o poderia desejar. As bolsas, características duma elegância do passado, desapareceram. Outras criações surgiram e hão-de surgir a caracterizar precisamente a fecundidade humana; mas esta história maravilhosa cheia de vigor e fé de um espírito corajoso em luta contra a maré alta dos próprios elementos, essa há-de ficar para a posteridade como mais um dos feitos dos grandes génios do universo industrial.

Domingos Martins Ferreira tinha cinquenta e poucos anos quando os seus olhos cegos de cansaço se fecharam durante algum tempo para a luz do universo. Cego, ele, o homem pleno de vida, capaz de sorver nas próprias estrelas o sol que desejava para o seu mundo!... Isto não parecia estar talhado para a história da vida do eminente mestre de ourivesaria. O seu sofrimento da infância voltava a repetir-se agora, duma forma mais cruel. Cego é que ele não podia lutar. E então sofreu resignadamente, certo de tornar a ver, não deixando de ver nunca Deus a quem se entregava em mais este dolorosíssimo transe da sua existência,

Quando Domingos Martins Ferreira voltou ao seu mundo de claridade, observou contente que todos os seus negócios haviam afinal caminhado e prosperado como se ele próprio os dirigisse. Não havia dúvida. Ele sabia agora que a sua obra havia de ter uma continuidade eterna. Foi para isso que modelou os seus filhos na mesma forma dos seus ideais, que tantas vezes lhe prérgou o trabalho como a mais rara virtude do homem na terra, que



Outro aspecto da mesma sala

os instruiu no credo da honestidade. Já nada o prendia afinal à sua fábrica de ourivesaria. E lá se foi nos seus imensos e inquietos anos dedicar-se a novas actividades industriais enquanto que os seus continuadores, seguros do leme da casa, e dotados do mesmo temperamento do pai não esmoreciam no desejo de fazer singrar cada vez mais a firma modernamente denominada Rosas de Portugal, Lda.

Um dos grandes dotes de Domingos Martins Ferreira, era, precisamente, o da honradez. Na sua alma não havia lugar para mistificações, nem mirabulâncias. Acima de homem rico ele queria ser honrado; como homem honrado queria ser rico. E que era duramente intransigente neste aspecto, até ao mais ínfimo pormenor, prova-o este facto: Como em muitas das terras de Portugal é tradicional em Gondomar realizar-se anualmente uma festa onde os oleiros de Barcelos vêm vender o seu fabrico feito de mil brinquedos e quinquilharias. Tudo aquilo é durante dias a alegria da petisada. Aqueles galinhos de crista arisca e as gaitas de barro, tenta-os. Basta um pouco de distração dos

vendedores e um daqueles brinquedos lá desaparece no bolso fundo dos inocentes rapazes que por ali fervilham. Serafim Ferreira Rosas num dos anos da festa também não resistiu à tentação. Afinal aquilo não era um roubo, era



Uma das montras onde se expõem as pratas

perdão à mulhersinha e devolver-lhe novamente aquilo que lhe tirou. Esta lição, severa na aparência serve para revelar a intransigência com que Domingos Ferreira encarava o aspecto da honestidade ainda que ele não fosse além do simples roubo de uma gaita de barro.

Exemplos de muito maior vulto caracterizam o homem sem mácula. E quer se tratasse de um engano de quilos de ouro ou de um método por intermédio do qual poderia enriquecer rapidamente, ele tudo despresou certo de não ser esse o caminho imposto pela sua consciência recta. Para além da grande fortuna que deixou, esta é ainda a que mais pesa na grande balança da sua vida.

Quando a morte aos 85 anos pôs fim à sua existência para quem o trabalho tinha sido durante décadas de anos o verdadeiro ídolo numa adoração verdadeira, o mundo e a Nação portuguesa perdiam mais um desses lendários obreiros difíceis de encontrar nas gerações dos nossos dias. Sumiu-se debaixo da terra o gigante generoso, abnegado e bom. E quantas pessoas ainda hoje, ao repetirem a visita de há anos à fábrica de ourivesaria Rosas de Portugal, choram publicamente a recordação que um dia levaram desse ancião simpático que sabia cativar e criar uma amizade imorredoura em quantos com quem contactava. São homens assim que a morte immortaliza; são homens assim que não morrem nunca.

um costume tradicional dos rapazes. Domingos Martins Ferreira é que não levou a bem a infantildade do filho, e depois de o ter castigado duramente com umas correntes de prata, obrigou-o a ir na companhia de outro seu irmão pedir

Com o homem grande que a terra abraçou para sempre, iniciou-se uma nova geração de verdadeiros industriais que, bem pode dizer-se, constitui a moderna genealogia de Domingos Martins Ferreira. Afora os netos está ela representada por Mateus, Serafim, Damião, Domingos, José e Fernando Ferreira Rosas, e pelas Senhoras D. Joaquina e D. Carolina Ferreira Rosas. Formados do mesmo molde de sentimentos do pai e não degenerando na mínima das suas virtudes, todos são hoje, acima de tudo, nomes que o mundo capitalístico conhece pela sua projecção e pelo grau da fama grangeada através de todas as Américas, África e países da Europa. Alguns trabalharam ainda à banca de ofício; tiveram como mestre da arte e da vida um progenitor intransigente e sério, e fizeram-se homens a valer em qualquer dos sectores moral ou profissional; outros crescendo já num período de mais ampla prosperidade e sendo educados, até, nos mais modernos colégios da Cidade do Porto, nem por isso deixaram de ser os mesmos trabalhadores incansáveis e as mesmas almas generosas. Algumas das grandes dificuldades surgidas no decorrer dos tempos, com os mercados externos, foram resolvidas já por eles, revelando assim um dom natural adquirido no contacto com o trabalho. A história da indústria prepara-se para registar os seus nomes, hoje grandes, amanhã famosos, como o de Domingos Martins Ferreira.

Curioso é que em cada um existe uma espécie de temperamento diferente, uma inclinação mais ou menos subjectiva, uma maneira de ser ou de agir variável, mas nunca susceptível de discórdia ou de indisciplina. Todos veneram a memória do grande Domingos Martins Ferreira, procurando copiá-lo nas suas acções, segui-lo no seu exemplo, serem iguais a ele no seu carácter. E isto passa-se com os irmãos Rosas, figuras de um prestígio sem par, mas a quem não envergonha essa fidelidade à memória de um homem valioso e inapagável que foi o seu timoneiro e o seu grande guia.

Foi graças à sua acção decidida que a firma Rosas de Portugal, Ld.<sup>a</sup> evoluiu até ao nível onde actualmente se encontra. O germen do triunfo vive neles como o sol nos astros. Continuar uma obra, não lhes bastava. Era preciso fazê-la prosperar, tanto, que os seus filhos se orgulhem um dia também deles e lhes tribuem o mesmo grau de admiração e respeito que eles mantêm vivo pelo desaparecido iniciador da casa.

Um dos grandes dons dos irmãos Rosas é a sua simpatia aliciante, o convívio fraternal que dispensam às pessoas, a alma escancarada com que recebem toda a gente. Entra-se uma vez no seu círculo e volta-se sempre certo duma familiaridade sem verniz e duma recepção sem desconfiança. São em boa verdade assim estes irmãos ricos de tantos dotes que quase nos fazem sentir pena de tantos outros ricos que por aí abundam.

Falar de cada um por si seria criar a responsabilidade de muitas histórias que, embora com maravilhas de conceitos e plenas de virtude e acção, terão de aguardar melhor oportunidade e constituir um imperativo do próprio tempo. A caminhada destes grandes homens da nossa indústria vai ainda no meio, e para além do horizonte dos anos esconde-se o despontar de muitas vitórias.

Qualquer dos irmãos Rosas não pára no desejo de legar à terra novas fontes de labor e de receita. Quase como Minerva ao fazer brotar um dia da terra a simbólica oliveira da paz, eles também não desejam mais do que criar o reinado de paz e trabalho: Rosas de Portugal.

Antes de terminarmos esta reportagem feita para honrar a memória de Domingos Martins Ferreira, uma verdade gostaríamos que ficasse bem radicada na alma de seus filhos, os industriais da firma Rosas de Portugal. É a de que os ficamos a admirar imenso. Se houvesse um coração para cada amizade, nós trariamos de Gondomar tantos Corações quantos os nomes dos irmãos Rosas. Desde pequenos que aprendemos a estimar os grandes homens, e eles são realmente grandes em toda a plenitude da palavra e do pensamento.

Hoje da fábrica Rosas de Portugal saem todos os artefactos de ourivesaria desde a mais modesta peça de prata às belíssimas jóias incrustadas de pedras finas. E não raras vezes, até os seus adereços e peças artísticas são copiados pelos fabricantes dos grandes centros mundiais.

Os repórteres de «**HISTÓRIA DA INDÚSTRIA  
EM PORTUGAL**» visitarão brevemente as suas ins-  
talações industriais.

Antecipe a sua visita, marcando uma data mais  
ligada a qualquer facto histórico da vida laboriosa da  
sua fábrica.

*Este fascículo foi composto com textos de:*

**CORREIA DE AZEVEDO  
E DIVERSOS AUTORES**